



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Membros do NDH:

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Elisabete Leal

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezát

Técnicos Administrativos:

- Paulo Luiz Crizel Koschier

- Ivoni Fuentes Motta

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezát

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Profa. Dra. Beatriz Ana Loner
Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2009

ISSN – 1516-2095

Tiragem: 300 exemplares

Dados de catalogação na fonte:

Ayde Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.15, (dez. 2009). – Pelotas: Editora
da UFPel, 2009.
1v.

Atual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Engenho São Gonçalo,
posteriormente Frigorífico ANGLÓ (atual Reitoria da
UFPel) – Álbum de Pelotas de 1922.

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh@ufpel.edu.br

PEDAGOGIAS DAS COMEMORAÇÕES: A REINVENÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA E A EDUCAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES EM PORTO ALEGRE

PEDAGOGIES OF COMMEMORATIONS: THE REINVENTION OF HISTORICAL MEMORY AND THE EDUCATION OF AFRO-BRAZILIANS IN PORTO ALEGRE

Maria Angélica Zubaran *

Resumo: Neste estudo examino os possíveis “ensinamentos” ou pedagogias culturais produzidos pelas lideranças negras no jornal *O Exemplo* durante as comemorações do 13 de maio em Porto Alegre e as representações mais recorrentes deste discurso pedagógico no final do século XIX e início do século XX. Na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, aproprio-me do conceito de pedagogias das comemorações desenvolvido por Roger Simon (2003) em seu estudo sobre o quicentenário da chegada de Colombo na América, para investigar como as lideranças negras narraram às memórias da escravidão e da abolição e como representaram o passado histórico e o articularam pedagogicamente ao futuro da comunidade negra porto-alegrense.

Palavras-chaves: memória histórica, pedagogias das comemorações, educação de afro-descendentes.

O espírito celebrativo foi marcante entre as populações negras diaspóricas que costumavam pontuar suas vidas com eventos comemorativos. A historiadora Geneviève Fabre (1994) aponta que as celebrações da liberdade negra pertencem à história cultural e política dos afrodescendentes e não devem ser vistas como marginais, como simples manifestações do folclore, importantes apenas no espaço de tempo determinado pelos calendários oficiais. A autora interpreta as comemorações da liberdade negra como gestos políticos que contribuem para preservar a memória coletiva e para reafirmar o compromisso dos afrodescendentes com a liberdade e a igualdade de direitos. De outro lado, o historiador norte-americano Mitch Kachun (2003) destacou que os eventos comemorativos da liberdade negra nos Estados Unidos, cumpriram muitas funções, entre elas: congregar os negros, que nestas ocasiões juntavam-se, socializavam e criavam redes de solidariedade e de

* Doutora em História pela State University of New York, Stony Brook, com pós-doutorado no Birbeck College. Professora do Curso de História e do Mestrado em Educação da Ulbra/Canoas, email: angeliczubaran@yahoo.com.br

afirmação da igualdade de direitos e de resistência e desafio à ordem estabelecida.

Neste estudo, as celebrações da liberdade negra no 13 de maio em Porto Alegre serão interpretadas como lugares de memórias negras e, particularmente, como espaços educativos, em que as lideranças reinventaram o passado e instruíram a comunidade negra sobre a necessidade da moralização dos costumes e da instrução, para o “levantamento moral e intelectual da raça”. Neste sentido, investigarei os possíveis “ensinamentos” ou pedagogias culturais¹ produzidos pelas lideranças negras no jornal *O Exemplo*, durante as comemorações do 13 de maio em Porto Alegre, assim como, as representações mais recorrentes deste discurso pedagógico. Como destacou José Antônio dos Santos (2003), em seu estudo sobre o jornal *Alvorada* na cidade de Pelotas, um dos objetivos da imprensa negra no pós-abolição era indicar regras morais e de comportamento para a comunidade afro-descendente e os discursos pedagógicos proferidos pelas suas lideranças demonstravam preocupações com o futuro dos negros no pós-abolição.

Na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, aproprio-me do conceito de pedagogias das comemorações, desenvolvido por Roger Simon (2003) em seu estudo sobre o quicentenário da chegada de Colombo na América, para examinar como as lideranças negras narraram as memórias da escravidão e da abolição, como representaram o passado histórico e o articularam pedagogicamente ao futuro da comunidade negra porto-alegrense. Para Simon, o caráter pedagógico das comemorações centra-se na escolha de maneiras particulares de relembrar o passado, de entendê-lo e de ligá-lo ao presente. Em outras palavras, o autor chama a atenção para a importância de sermos sensíveis a gama de modalidades com que os sujeitos, a partir do presente, fazem reivindicações ao passado na perspectiva de que o passado tenha sempre algo a nos ensinar. Desta forma, se estabelece uma relação educativa entre o passado e o presente que passa a assumir distintas formas pedagógicas de constituir as suas lições. Simon lembra que a construção do passado é um terreno de contestações e que a análise das memórias populares requer a consideração das formas concorrentes e contraditórias pelas quais o passado é atravessado. Na direção sugerida por Simon, examinarei as dimensões ambíguas e contraditórias da construção das memórias negras nas narrativas das comemorações do 13 de maio no jornal *O Exemplo*.

¹ O conceito de Pedagogias Culturais é aqui entendido na perspectiva de Henry Giroux (2004) e de Shirley Steinberg (1997), de uma forma ampla, incluindo outras instâncias do cultural como pedagógicas, para além dos muros da escola.

No Brasil, as comemorações do 13 de Maio no pós-abolição representaram um dos raros momentos em que a comunidade negra congregava-se e reafirmava sua memória coletiva e suas práticas culturais, sem o constrangimento da perseguição policial ou religiosa, momentos em que os afro-brasileiros tiveram o privilégio da sua própria representação. Para pensar as representações das lideranças negras no jornal *O Exemplo*, aproprio-me da abordagem teórica de Stuart Hall, particularmente das suas discussões sobre o conceito de representação, que passa a ter um papel constitutivo da vida social e política e não meramente reflexivo. Este novo significado do conceito de representação marca o que Hall denomina o fim da noção inocente de um sujeito negro essencial e o reconhecimento de que a categoria negro é política e culturalmente construída e não pode ser definida de forma transcendental e a-histórica. Hall sugere que não há como escapar das políticas de representação e que é somente através da maneira como o termo negro é representado nos discursos, em situações históricas específicas, que os significados flutuantes desse termo podem ser examinados. Neste sentido, Hall salienta que as identidades negras são "... constituídas dentro e não fora da representação" (HALL, 2003, p. 4). É nesta perspectiva que tentaremos mapear as representações mais recorrentes sobre os negros e sua memória histórica nas comemorações do 13 de maio no pós-abolição. Enfatizarei o caráter pedagógico das comemorações da liberdade negra e apontarei algumas das estratégias pedagógicas que marcaram estas comemorações em Porto Alegre, entre o final do século XIX e a primeira década do século XX.

Muitos textos da cultura negra (cito como exemplo a novela *Amada* de Toni Morrison), tratam da importância da história para as memórias negras, da necessidade de socializar a memória histórica, do desejo de esquecer os terrores da escravidão e da simultânea impossibilidade de esquecê-los. Nas comemorações do 13 de maio de 1893, primeiro ano em que as lideranças negras comemoraram a data nas páginas do jornal *O Exemplo*, as representações históricas da escravidão foram construídas de forma ambígua sublinhando tanto a necessidade de lembrar como de esquecer os sofrimentos dos tempos da escravidão, possivelmente para evitar que as lembranças das violências sofridas durante a escravidão gerassem ódio e desejo de vingança na comunidade negra.

13 de maio. Bem latente nos está ainda a lembrança do cativo no Brasil. Ainda se nos constrange o coração ao recordarmos as penas que a famigerada perversidade criara pra a tortura dos míseros escravos (...). Nunca a história registrou, em suas páginas, prodígio mais ferrenho, execrável e maldito que este de que tanto se vangloriavam os antigos senhores – a escravidão. (...) Mas, não nos fatigaremos a embrenhar nos labirintos ígneos de maldades que os dramas lúgubres de homem escravo, em nosso país fizeram ressoar à admiração

universal; não! Pois que, além da imperiosa necessidade de empregar toda uma vida, para dar um pálido reflexo das cenas horríveis que se passaram aos pobres cativos, nutrimos o máximo empenho de riscar, tanto quanto possível de nossa memória esses mesmos horrores, para que também o ódio, quicá justo, não turve a superioridade de nossos sentimentos. (*O Exemplo*, 13/05/1893)

As memórias da escravidão e as representações sobre o passado histórico dos negros parecem ter cumprido um importante papel na construção das suas identidades, propiciando um sentimento de unidade para a comunidade negra e configurando, simultaneamente, aspirações de futuras realizações no tempo que estava por vir. De acordo com o historiador Leo Spitzer (1999), os afro-americanos voltaram-se para a História a procura de realizações dos negros no passado para combater as acusações racistas que lhes eram atribuídas no presente e para reescrever as memórias negras de forma a garantir um lugar de honra às suas heranças culturais. Por outro lado, o historiador David Blight (1994), no estudo das narrativas históricas do intelectual negro norte-americano E. B. Du Bois, sugere que o estudo da memória histórica pode ser definido como o estudo dos embates culturais, de verdades contestadas e de textos que apresentam versões rivais sobre o passado, que é colocado a serviço do futuro.

Nas primeiras comemorações do 13 de maio em Porto Alegre no final do século XIX, a abolição foi pedagogicamente lembrada pelas lideranças negras como “uma das mais brilhantes conquistas da raça negra” e referências foram feitas ao “escravos que se negavam a trabalhar e fugiam das fazendas” assim como aos abolicionistas afrodescendentes, “homens eminentes como José do Patrocínio, príncipe do jornalismo brasileiro e Luiz Gama, que com esforço conquistou posição saliente na imprensa paulista”, lideranças negras celebradas como aquelas que reivindicaram “aquilo que de mais sublime se apresentava a contemplação dos povos civilizados: a liberdade” (*O Exemplo*, 1893).

Na primeira fase das comemorações do 13 de maio em Porto Alegre, as referências à liberdade apareceram associadas à Revolução Francesa e à Inconfidência Mineira. O articulista do jornal *O Exemplo*, Sérgio Bittencourt referia-se ao “o gérmen da liberdade” associando-o às lutas do “povo de Paris que num gesto de amor pela liberdade (...) combateu as muralhas tétricas da Bastilha” e às ideias da Revolução que repercutiram em Minas Gerais. Também o articulista Artur Andrade foi buscar no lema da bandeira dos inconfidentes “*Liberta quae sera tamen (sic)*”, a liberdade ainda que tardia...” a referência para a liberdade que festejavam no 13 de maio em 1893 (*O Exemplo*, 1893, p. 2). Como lembrou Paul Ricoeur, a referência principal da memória histórica foi inicialmente a nação e os marcos nacionais, modelos de identidade

nacional centrado no Estado-nação (RICOEUR, 2007). Nas páginas do *Exemplo*, a memória histórica foi recriada com inspiração nos ideais da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira. Neste contexto, observa-se um silêncio sobre as experiências de liberdade dos próprios negros, o Quilombo dos Palmares e a liderança de Zumbi, foram esquecidas nas comemorações do 13 de maio no pós-abolição.

Parece-nos que, nas comemorações do 13 de maio em Porto Alegre, no final do século XIX e início do século XX, as lideranças negras articularam pelo menos três formas pedagógicas distintas de lembrar/comemorar o passado. Em primeiro lugar, as memórias da escravidão foram construídas como um passado de dor, humilhações e sofrimentos, tanto para ensinar sobre as injustiças sofridas pelos negros no passado, como para pedagogicamente apontar para a necessidade da moralização dos “maus costumes” decorrentes da escravidão, através do trabalho e da instrução, o que na perspectiva de Paul Gilroy (2001), expressaria o aspecto normativo da cultura negra, relacionado às expectativas de atingir no futuro o que comunidade negra não obtivera no presente. Esse discurso prescritivo apontava o que a comunidade negra deveria fazer para ascender socialmente e ter respeitado seus direitos de cidadãos brasileiros. Sob o título “subiremos ou nos precipitaremos no abismo” as lideranças declaravam-se constrangidas “diante da corrupção que lhes invadia os ânimos” e defendiam medidas para moralizar a classe (*O Exemplo*, 11/12/1892). Entre essas medidas moralizadoras estava a chamada educação familiar e cabia as “mães de família” um papel de destaque, elas deveriam inculcar nos filhos a religião cristã e os bons costumes. De acordo com *O Exemplo*:

[...]Urge que empreguemos medidas decisivas, já para moralizar a classe, já para cicatrizar o cancro que se mostra incurável. Se as mães velassem pela educação das filhas, se lhes ensinassem claramente o caminho do bem, por certo não veríamos tantos erros e não lamentáramos tantas desgraças. A maior parte, os principais elementos da classe, jaz ainda inculta em sua totalidade; razão porque se corre a virtude e ampara-se o vício. Com o fim de fazer a luz nas trevas, limitamo-nos por enquanto a aconselhar as mães que inculquem no animo filial o amar a religião cristã, que procurem conhecer o bem e evitar o mal e numa palavra cercar-se de bons costumes [...] (*O Exemplo*, 11/12/1892)

Este aspecto normativo da cultura negra manifestou-se, particularmente, na coluna “*Mexericando*”, que através da estratégia pedagógica do riso irreverente pretendia punir os “pequenos desvios” ou “transgressões” de determinados segmentos de mulheres e homens negros livres em Porto Alegre.

Quando criamos a seção sob a epígrafe *Mexericando*, só tivemos em vista apontar pequenos desvios ou transgressões originadas por mera irreflexão de

quem os praticasse, mas nunca transformá-la em um balcão de intrigas, escândalos e maledicências. Nessa seção, em que – rindo castigam-se os costumes – e que, aliás, nos merece um cuidado e desvelo apurados, propugnamos pela moralidade na conduta de pessoas, algumas, levianas; outras, irrefletidas; chamando-as à trilha do bom caminho... (O Exemplo, 30/04/1893)

No que se refere à conduta masculina, a principal crítica das lideranças negras do *Exemplo* era o vício do álcool ou da embriaguês. No entanto, para surpresa das lideranças negras do *Exemplo*, parte dos leitores não aceitou os mexericos e o relato foi que “mais de 500 jornais” foram devolvidos em protestos às “alfinetadas” da coluna *Mexericando*. Os redatores do *Exemplo* rebateram as críticas dos leitores:

Nem mais uma nota por quem, em vez de colaborar no levantamento de sua classe, prefere rasgar os cotovelos dos paletós nos balcões das tavernas e escarrapachar-se nos sacos de farinha a esvaziar os copos de cachaça. E além de tudo, somos sabedores de que estes indivíduos verdadeiros caixas d'água, repoltreando na sua ignorância e por entre as baforadas de caninha, pretenderam muitas vezes lançar-nos ao ridículo, (...) Loucos que eles são! Nem ao menos merecem que lhes façamos referência. (O Exemplo, 21/01/1897)

Na direção apontada por outros trabalhos sobre o pós-abolição no Brasil e na perspectiva dos redatores do *Exemplo* de zelar pela boa reputação da comunidade negra, *O Exemplo* divulgava nas suas colunas as conveniências do casamento civil e publicava grande número de proclamas de casamentos entre os negros em Porto Alegre na década seguinte a abolição, demonstrando a preocupação dos recém libertos com a legalização formal dos laços familiares. Neste sentido, um de seus articulistas relatava: “Contaram-me que em breve teremos um punhado de *casórios*, o Frutuoso, o Marcelino do Hospício, o Meirelles Maneco, o Eleuterio, Florêncio C, o A. de Souza; finalmente...” Para as historiadoras Rios e Mattos (2004), tratava-se de valorizar no pós-abolição “alguns elementos básicos ligados à moderna noção de direitos civis”, entre eles, o direito de constituir legalmente uma família. Esta preocupação com a legalização da uniões entre os afrodescendentes articulava-se ao projeto pedagógico das lideranças negras do *Exemplo* de “levantamento moral da raça” e da construção de uma imagem positiva da família negra, de acordo com os valores socialmente reconhecidos. Para este fim, sob a rubrica “casamento civil”, o próprio jornal oferecia serviços à comunidade: “No escritório deste jornal, à Rua Fernando Machado, nº 152, encontra-se pessoa habilitada que prepara todo o processo de casamento.” (*O Exemplo*, 28/12/1902)

Desde a primeira edição do jornal em dezembro de 1892, as elites negras porto-alegrenses apresentavam em seu programa de ação a necessidade da instrução dos afrodescendentes no pós-abolição: “o nosso programa é simples e podemos exarar-lo em duas palavras: a defesa de nossa classe e o

aperfeiçoamento dos nossos mediocres conhecimentos.” (*O Exemplo*, 1893, p.1) No entanto, foi na segunda fase do jornal *O Exemplo*, após seu reaparecimento em 1902, que o ideal da instrução apareceu como uma das estratégias pedagógicas de “levantamento moral da raça” e como forma de superar as barreiras do preconceito étnico-racial. Assim se manifestavam as lideranças negras nas colunas do jornal:

Uma das primeiras carências do nosso meio social é incontestavelmente a da instrução. Os nossos homens, nascendo enfaixados na necessidade, nas privações de todo o confortável, de todo o útil, de todo o indispensável a uma vida regular, são desde muito novos atirados às oficinas, aos braços do trabalho antes de terem acumulado a bagagem intelectual de conhecimentos que fora necessário em toda vida e não chegam a avaliar o mal que a falta de conhecimento lhes acarreta. (*O Exemplo*, 11/12/1892).

Em 1902, sob o título “Nossa Escola”, *O Exemplo* tentou estabelecer em Porto Alegre uma escola noturna e publicou seu programa e regulamento, mas não encontramos notícias posteriores de seu efetivo estabelecimento. Liane Susan Müller (2008) apontou que ainda durante a escravidão, a Irmandade da Nossa Senhora do Rosário incluía no seu Compromisso a ideia de que era preciso ajudar na educação dos filhos dos negros sem condições financeiras. Também Beatriz Loner sublinhou que, em Pelotas, as lideranças negras, através de entidades mutualistas, entre elas, a *Feliz Esperança*, tinham como uma de suas preocupações a educação de seus sócios “através da promoção de palestras e estabelecimento de aulas para sócios” após a República. (LONER, 2008, p. 250).

A partir de 1904, as lideranças do *Exemplo* iniciaram uma nova estratégia para promover a instrução da comunidade negra: passaram a discorrer em sucessivos artigos sobre a situação de suas associações, criticando-lhes as finalidades apenas recreativas e propondo que assumissem o compromisso com a instrução de seus associados. Na opinião das lideranças negras: “As associações conservavam seus nomes, seus programas, seus estatutos, entretanto o entusiasmo arrefecera na quase totalidade de seus associados”. Os redatores perguntavam-se: “Qual é a causa desse mal?” (*O Exemplo*, 29/5/1904) Entre os problemas apontados estava o “abuso do mando”, que se referia àquelas personalidades que se perpetuavam no poder nas associações recreativas e também os preconceitos praticados por algumas das associações negras que “selecionavam aqueles que se aproximam mais da cor branca dos outros que conservavam em sua pureza a tintura de vossos avós africanos”, o que as lideranças negras chamaram de “novos preconceitos”. Neste sentido, os editores aconselhavam as associações a livrarem-se dos novos preconceitos e preocuparem-se somente com a

instrução de seus associados:

Se os nossos homens ao invés de esterilizarem sua atividade com a fundação de associações bailantes, onde o cuidado de apurar raças é maior que o de apurar qualidades, (...); se, ao invés de selecionarem carroceiros e carregadores para, no dia seguinte não se terem de envergonhar ao ver passar guiando os burros ou sobraçando um fardo quem na véspera dançou com eles em um salão, ocuparem-se em criar uma sociedade, de uma grande liga, alma instrutiva, beneficente e recreativa, (...) decerto a pujança desta associação, a grandeza de seus fins, (...) influiria de maneira benéfica sobre seus membros (...) (*O Exemplo*, 26/6/1904)

As lideranças negras apontaram que, apesar da existência de trinta associações destinadas aos “homens de cor” em Porto Alegre, entre elas, a “Floresta Aurora” e a “Beneficente Porto-alegrense”, destacadas como as duas mais antigas associações negras, nenhuma se preocupava com a causa da instrução da comunidade: “(...) Trinta associações, talvez, existem dos nossos, aqui, e, entretanto, como já o dissemos, uma só não se conta que possa impor-se pelo valor de seus ideais, ou pela quantidade de seus associados e sua fortuna. (...)” (*O Exemplo*, 26/06/1904). Neste sentido, em 1908, as lideranças negras criaram duas associações dramáticas e instrutivas para a promoção da instrução na comunidade negra de Porto Alegre: o Grêmio Dramático José do Patrocínio (1908) e o Clube Instrutivo e Recreativo Sete de Setembro (1908). Mesmo assim, na década de 1910, *O Exemplo* insistia na denúncia de que “após a promulgação da lei de 13 de maio, nada tinha sido feito para libertar o espírito dos recém livres das trevas da ignorância” (*O Exemplo*, 27/03/1910).

Uma segunda modalidade de ensinamentos articulados às comemorações da liberdade no 13 de maio foi a heroificação dos sujeitos negros que participaram da luta contra a escravidão, particularmente dos negros abolicionistas, com a intenção pedagógica de apresentá-los como inspiração e como modelos na luta pela reivindicação dos direitos dos negros no pós-abolição. Em 13 de maio de 1893, o articulista Sérgio Bittencourt assim se expressava: “Saibamos honrar a memória daqueles que por nós se abateram, cujos nomes, todos devemos apontar a gratidão da posteridade e inscrever nos fúlgidos anais da história da liberdade” (*O Exemplo*, 13/05/1893, p. 2).

No início do século XX, em 13 de maio de 1904, *O Exemplo* lançou um número especial alusivo à data e homenageou algumas lideranças da comunidade negra, entre eles, o tenente-coronel Aurélio de Bittencourt, estampando seu retrato na primeira página do jornal e dedicando-lhe longo editorial onde salientaram suas contribuições à comunidade negra. Aurélio de Bittencourt foi representado, como “o maior atleta na luta pela conquista dos direitos civis e políticos dos negros”. Também monsenhor Diogo Saturnino da

Silva Laranjeira, sucessivamente vigário de Viamão, vigário do Rosário, capelão dos Passos e da Irmandade do Espírito Santo, teve sua foto estampada no jornal e recebeu homenagens póstumas, por ocasião do aniversário de sua morte. As lideranças do *Exemplo* representaram-no como “o modelo perfeito das mais elevadas virtudes” e destacaram “seus dotes intelectuais e suas qualidades morais”, atributos que serviriam de referência para a comunidade negra. Também os nomes de José do Patrocínio, Luiz Gama e de outras lideranças afro-brasileiras como André Rebouças, Marcílio Dias, João da Cruz e Sousa, Henrique Dias e João Cândido foram nomeados com frequência pelas lideranças negras durante as celebrações do 13 de maio em Porto Alegre. Neste sentido, a construção de um panteão de ilustres afro-brasileiros foi uma das formas encontradas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo*, para pedagogicamente orientar a comunidade negra no pós-abolição, produzindo modelos de negros com os quais a comunidade negra porto-alegrense poderia se identificar e construir sua auto-estima.

Uma terceira forma pedagógica de comemorar o 13 de maio em Porto Alegre foi reatualizando seus significados nas lutas travadas contra os preconceitos étnico-raciais que humilhavam os negros no pós-abolição. Na prática, as hierarquias de poder baseadas na cor da pele, significavam que aqueles de cor mais escura não tinham o mesmo *status* nem os mesmos direitos daqueles de pele mais clara e era contra o racismo científico e suas práticas discriminatórias que as lideranças negras do *O Exemplo* se manifestaram já no primeiro número do jornal:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grau de estudo a que o sujeitamos e, por consequência, também podemos nos alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência, muito embora alguns queiram nos acoiar, ou porque desconheçam nossas legítimas aspirações, ou porque façam parte dos que julgam o homem pela cor da epiderme. (*O Exemplo*, 11/dezembro/1892)

Durante as comemorações do 13 de maio de 1893, o articulista Espiridião Calisto marcava a data como um momento de reivindicação dos direitos dos negros como cidadãos e identificava o jornalismo como “uma arena de lutas para os descendentes da raça” que se agremiavam para “guerrear o preconceito de raça”. Na avaliação deste jovem líder afro-brasileiro a abolição destruiu o cativo, mas manteve o preconceito racial, “instituído não nas leis, mas nos costumes” e concluía: “Devemos festejar efusivamente a data luminosa de 13 de maio, como o início da reivindicação de nossos direitos de cidadãos brasileiros. Salve 13 de maio!” Também o articulista Artur Andrade chamou atenção para a necessidade de “agora, no novo regime, ainda cumprimos um dever, combatendo o preconceito de raças, porque não está

de todo abolido" (*O Exemplo*, 13/ 05/1893, p. 2) Na verdade, no pós- abolição a promessa de inclusão dos afro-brasileiros no mundo dos livres foi adiada. O voto foi restrito aos brasileiros alfabetizados, significando a exclusão de grande parte dos afro-brasileiros à cidadania. Por outro lado, a emergência do racismo biológico e a chegada massiva de imigrantes europeus nas grandes cidades das regiões sudeste e sul contribuíam para restringir o acesso dos afro-brasileiros à moradia e ao mercado de trabalho.

No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas pelos libertos no pós-abolição e demonstrando as contradições presentes nas memórias populares, algumas lideranças negras celebraram o 13 de maio como marco de mudanças positivas para os negros, possivelmente, na esperança da inclusão social propagandeada pelo novo regime republicano. Para essas lideranças, a data era lembrada tendo como referência um passado histórico transcendente e imutável e representada como "a data reparadora dos males do passado", como o momento de "destruição de todos os preconceitos".

Mas, no final de década de 1910, as comemorações da liberdade negra marcariam o descompasso entre as expectativas de inclusão social dos afrodescendentes e a permanente falta de cumprimento dessas promessas. A liberdade passou a ser representada como incompleta e associada às sombrias imagens das crianças negras, que perambulavam pelas ruas de Porto Alegre. O 13 de maio de 1910 foi marcado pelas denúncias contra os asilos e orfanatos católicos que não recebiam crianças órfãs negras, revelando a falta de assistência às crianças negras no pós-abolição.

(...) É pungente e doloroso ver-se pelas ruas crianças de cor preta e parda, miseravelmente vestidas, piormente falando, ao jeito dos embriagados... estas crianças são órfãs de fato ou moralmente... A resposta mais categórica e decente a essa farsa, foi a criação do Asilo 13 de maio, ora em projeto, e no qual serão recolhidas as crianças pretas e pardas (...) com a pedra fundamental do "Asilo 13 de Maio" se comemora este ano em Porto Alegre, o dia 13 de maio de 1910. (*O Exemplo*, 13/maio/1910)

Por outro lado, mantinham-se nas comemorações do 13 de maio de 1910 as clivagens sócio-culturais entre as lideranças negras, particularmente, entre uma postura mais conciliatória e moderada, daquelas lideranças que incorporavam valores de classe média branca na esperança de inclusão social e dos setores populares, que exibiam uma postura mais festiva e lúdica, pautada pelas práticas culturais de matriz africana, que eram concebidas pelas elites brancas e por algumas lideranças afro-brasileiras letradas, como a negação da atividade produtiva. O tom moralizador de algumas matérias condenava a conduta dos negros que "cultivavam as diversões" e atribuíam os "males morais" e a falta de liberdade que atingia a comunidade negra à ela própria que, no seu

entendimento, não se dedicava suficientemente ao trabalho e à instrução.

Para completar a verdadeira liberdade, é necessário que os brasileiros e, principalmente os descendentes da raça vilmente escravizada, se convençam que devem, não só cultivarem as diversões, como também repartirem as horas que lhes sobram a dedicarem-se com amor e humanidade pela criação e sustentação do Asilo 13 de Maio, de escolas e centros literários onde nossos irmãos possam encontrar a verdadeira luz e o lenitivo seguro e eficaz para as dores e a enfermidade que lhes corrompe o organismo moral, trazendo como consequência fatal a continuação da falta de liberdade e a odiosidade da raça branca... (*O Exemplo*, 13/Maio/1910)

Para o historiador George Reid Andrews, este tipo de justificativa, que culpava os próprios negros pela continuada pobreza e marginalização no pós-abolição estava articulado à lógica da democracia racial prevalente na época: se o Brasil era representado como uma terra onde todos tinham os mesmos direitos e igualdade de oportunidades, o fracasso dos afro-brasileiros no pós-abolição deveria ser atribuído exclusivamente às suas próprias deficiências, explicadas em termos da experiência recente da escravidão e do racismo biológico (ANDREWS, 1998). Nas comemorações do 13 de maio de 1910, as lideranças negras do jornal *O Exemplo* passaram a representar a liberdade como um mito e apontar as continuidades entre a época da escravidão e o pós-abolição. Para Andrews, o final da década de 1910 foi marcado por tensões raciais nos lugares de trabalho, confrontos de rua e ocasionalmente revoltas (ANDREWS, 2004). Vale lembrar que, em novembro de 1910, estourava no Rio de Janeiro a Revolta da Chibata liderada pelo almirante negro João Cândido, contra as punições corporais de marinheiros. Neste contexto, a redação do jornal *O Exemplo* produzia uma releitura crítica da abolição e denunciava a Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre², pelo tratamento dado às órfãs e o Juizado de Órfãos, por atuarem como “agências de escravos”.

Os fatos têm demonstrado que a liberdade surgida a 13 de maio de 1888 para a parte do povo diretamente interessada dos seus efeitos, é um verdadeiro mito, que não passa de uma ficção deslumbrante sem o proveito material e moral para os seus descendentes; pois perderam na vida doméstica da população os revoltantes costumes escravagistas, convertendo, de vez em quando, a roda dos expostos em depósito de crias e o juizado de órfãos em agência de consignação de escravos, onde sob o embuste de padrinho ou tutor, (...) são adquiridos “rapazinhos” para

² Vale destacar que uma dessas órfãs deixadas na Roda dos Expostos da Santa Casa em Porto Alegre, no período imperial, foi Luciana de Abreu que, educada por pais adotivos, tornou-se uma das primeiras mulheres negras professoras de Porto Alegre e figura de destaque no meio cultural porto-alegrense, fazendo parte inclusive da associação cultural *Parthenon Literário*.

copeiros, repariguinhas para “criadas de dentro” e cozinheiras, preenchendo deste modo a falta dos “crioulos” e dos mucamos dos odiosos tempos da escravidão brasileira (...) matam a saudade do tempo em que havia escravos brasileiros, gozando por meio das autoridades da posse de seus desventurados órfãos. (*O Exemplo*, 01/05/1910)

Para os articulistas do *Exemplo* era preciso que “se cristalizassem em instituições pias, instrutivas e educadoras, os efeitos até então negativos da decantada liberdade surgida em 13 de maio de 1888”, só assim, afirmavam, “os descendentes dos brasileiros escravizados (...) poderiam provar a excelência de sua índole”, uma evidência do papel que as lideranças negras atribuíam à educação como instrumento de inclusão social dos negros no pós-abolição. Por outro lado, as manifestações das lideranças negras por ocasião do 13 de maio de 1910, evidenciaram as tensões existentes na comunidade afrodescendente de Porto Alegre a respeito das práticas culturais comemorativas do 13 de maio e aos significados da liberdade. Para essas lideranças, o 13 de maio não deveria mais ser comemorado com festas e os significados da data eram reatualizados nas lutas travadas contra os preconceitos étnico-raciais que persistiam após uma década da abolição da escravidão:

Este ano, um grupo de abnegados e esclarecidos brasileiros trabalham para que os efeitos da liberdade festejada no 13 de maio não se desfaçam no turno dos foguetes, nas notas de fanfarra, no ecoar glamoroso das festas (...) o que precisamos é mostrar que sentimos a falta da liberdade que temos o direito de gozar. (*O Exemplo*, 01/05/1910)

A data do 13 de maio passava a ser pedagogicamente lembrada como dia de reivindicação dos direitos dos negros como cidadãos. Portanto, já no final da primeira década após a abolição da escravidão, as lideranças negras construíram narrativas contra-comemorativas do 13 de maio e passaram a ter como referência das celebrações da liberdade negra a luta pela concretização desse direito fundamental dos cidadãos negros no pós-abolição. Essas narrativas contra-comemorativas seriam o início de muitas outras manifestações de protesto das lideranças negras às comemorações do 13 de maio e culminariam, na década de 1970, com a invenção de um novo marco, a data do 20 de novembro, dia da morte do herói negro Zumbi dos Palmares e dia da consciência negra (SILVEIRA, 2003)

Referências Bibliográficas:

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

_____. *Afro-Latin America, 1800-2000*. New York, Oxford: Oxford University Press, 2004.

BLIGHT, David W. W. E. B. Du Bois and the Struggle for American Historical Memory. In: FABRE, Geneviève, O'MEALL, Robert (eds.). *History and Memory in African-American Culture*. New York : Oxford University Press, 1994, p. 45-71.

FABRE, Geneviève . African-American Commemorative Celebrations in the Nineteenth Century. In: O'Meally Robert e Geneviève Fabre (eds.) *History and Memory in African-American Culture*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 72-91.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

GIROUX A. Henry and MCLAREN, Peter (eds.) *Between Borders: Pedagogy and the Politics of Cultural Studies*. New York and London: Routledge, 1994.

HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE Publications, 2003.

KACHUN, Mitch. *Festivals of Freedom: Memory and Meaning in African-American Celebrations, 1808-1915*. Boston: University of Massachusetts Press, 2003.

LONER, Beatriz Ana. A Rede Associativa Negra em Pelotas e Rio Grande. In: SILVA, Gilberto Ferreira , SANTOS, José Antônio dos, CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Orgs). *RS Negro: Cartografias sobre a Produção do Conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 246-261.

MATTOS, Hebe e RIOS, Ana Lugão. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. In: *TOPOI*, v.5, n.8, jan-jun, 2004, p. 170-198.

MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MÜLLER, Liane Susan. As contas do meu Rosário são balas de artilharia. In: SILVA, Gilberto Ferreira , SANTOS, José Antônio dos, CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Orgs). *RS Negro: Cartografias sobre a Produção do Conhecimento*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2008, p. 262-271.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

SANTOS, José Antônio. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: EDUFPEL, 2003.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto (ogs.). *Educação e Ações Afirmativas*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SIMON, Roger. Forms of insurgency in the production of popular memories: The Columbus Quincentenary and the pedagogy of counter-commemoration. In: GIROUX, Henry A. and MCLAREN, Peter (eds.) *Between Borders: Pedagogy and the Politics of Cultural Studies*. London: Routledge, 1994, p. 127-142.

SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio: Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H. et al. (Orgs.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED, 1997, p. 98-145.

Abstract: This study examines the possible teachings or cultural pedagogies produced by Afro-Brazilian leaderships in the newspaper *O Exemplo* during the commemorations of the 13th of May, and the recurrent representations in their pedagogical discourses in the end of the 19th century and the first decade of the 20th century. From the standpoint of Cultural Studies, I recast the concept of commemorative pedagogies created by Roger Simon (2003) in his study of the 500th anniversary of Columbus' arrival in America, so as to investigate how black leaderships narrated their memories of slavery and abolition, and how they represented their historical past and pedagogically articulated it with the future of Porto Alegre's black community.

Key-Words: historical memory, pedagogies of commemorations, education.

Maria Angélica Zubaran
e-mail: angeliczubaran@yahoo.com.br

Artigo recebido em abril de 2009
Aprovado em junho de 2009